

Crucifixo (MNAA 72 Met)

O CRUCIFIXO, de cobre e esmaltes azul escuro e branco, de grandes proporções (28,5x19,5cm e 380,8 g de peso), constitui um exemplar ímpar entre as peças da mesma tipologia conservadas em Portugal. Pertenceu à coleção da Rainha D. Amélia (1865-1951), que o ofereceu ao MNAA em 1909, onde se encontra exposto (Inv.72 Met). Pouco mais é possível apurar sobre este objeto, no atual estado de investigação, mas as dimensões do Cristo sugerem a fixação original a uma Cruz imponente, certamente de natureza processional.

O desaparecimento das mãos e o furo atípico no punho esquerdo atestam o percurso conturbado deste Cristo, certamente pregado e despregado várias vezes das cruzes a que foi sujeito. O corpo de Jesus, obtido por fundição,

apresenta ligeiras ausências de douramento, sobretudo ao nível do ventre e joelhos (as partes mais expostas ao toque), mas os esmaltes conservam-se em bom estado.

Em termos iconográficos, o crucifixo reúne características de diferentes modelos de representação. A cabeça inclinada para a direita, a curvatura elegante do corpo, as gravações do desenho anatómico, o ventre levemente pronunciado, os joelhos ligeiramente fletidos e os pés sobrepostos (o direito sobre o esquerdo), pregados por um só cravo, refletem uma estética que se afirmou lentamente a partir de 1200 e que se impôs no século XIV. Esta é, no entanto, ainda a imagem de um Cristo Triunfante, de olhos abertos (assinalados por gotas de esmalte escuro) e coroado, proclamando o Seu Triunfo sobre a morte e a conquista do Reino dos Céus. A coroa, de tipo aberta, executada separadamente e unida por fundição à cabeça, apresenta remates cruciformes, gravações de pequenos apontamentos geométricos a sugerir pedras preciosas e três pontos de esmalte azul turquesa, tendo-se perdido o da direita. As superfícies lisas do metal contrastam com as linhas puncionadas visíveis na base da coroa, cabelos (que se estendem até aos ombros) e barba. A posição reta dos braços recorda, também, a herança dos Cristos românicos, mas a elegância do *perizonium*, soerguido pela curvatura dos joelhos e com as linhas das pregas douradas a expressar um ténue movimento, apontam para uma estética mais convencional do gótico. O contraste do azul escuro do esmalte com o debruado a branco, decorado com rosáceas e quadrifólios dourados, acentuam o carácter sumptuoso deste peculiar crucifixo.

Estas características formais e iconográficas justificam a datação da peça da primeira metade do século XIII (ou mais precisamente do primeiro quartel como também sugeriu Santos), mas recordam, acima de tudo, a fragilidade destas fronteiras estilísticas. Este exemplar, tipologicamente híbrido, reafirma o cruzar e a fusão de modelos que circularam entre os séculos XII e XIII, intensificados pela forte produção limusina e facilitados, em tempos de grande procura, pelo carácter móvel destes objetos.

Texto: ACS - Foto: JNC

Crucifixo de cobre e esmaltes (MNAA 72 Met)



Bibliografia

IPM, 2003a, p. 78; SANTOS, A.P.M., 2016, II, n.º 20; SANTOS, A.P.M., 2018, pp. 144-145; SANTOS, A.P.M., 2021, p. 66.